

Para a Lwini,
minha neta,
a primeira pessoa a ler
algumas palavras deste livro.

Estou morto.

Estou morto, de olhos cerrados, mas percebo tudo (ou quase) do que acontece à minha volta. Sei, estou deitado dentro de um caixão, num salão cheio de flores, as quais, em vida, me fariam espirrar. As pessoas não sabem que flores de velório cheiram mal? Sabem, mas a tradição é mais forte e velório sem flores é para pobre.

Ora, não somos pobres, dominamos uma nação.

Estou morto, no entanto posso escutar, entender os dizeres, mesmo os sussurros e, em alguns casos, adivinhar pensamentos.

Um grupo cochicha lá atrás da multidão. A distância e outros sons e ideias partilhando o éter não permitem perceber a razão das piadas em surdina, ou estarão a conspirar governos e lideranças, ou a prever o futuro. Esses são inimigos há muito camuflados, pois se divertem ao me verem estirado em fato preto no caixão. É cedo para revelar nomes, mas conheço todos e nenhum me surpreenderá. Sempre os

avalei como hostis, ou a minha polícia política não valeria os altos salários sempre providos a tempo e alguns presentes caros pelo Natal. Deixei-os intrigarem durante anos, eram inócuos. Sem mim na tribuna, talvez ganhem alguma força, daí a alegria deles. Ou o que virá para o meu lugar dá cabo do seu pescoço com um assopro. Uma coisa é certa, no momento do meu enterro, também se prostrarão em soluços, alguns até se ajoelharão, em gesto de órfãos desamparados. E cantarão saudades antecipadas. De preferência diante de jornalistas e televisões.

É a natureza das coisas.

À minha frente está a viúva oficial. Continua linda, mesmo de luto cerrado. Sempre a chamei de minha palanca negra. Digam com sinceridade, se acaso me ouvirem, haverá animal mais belo? A minha palanca mostra contenção, só as lágrimas certas nos momentos certos, nada de gritos, nem arrancar cabelos e postiços, nem rebolar no chão, nem xinguilamentos, como fazem na família dela. Lhe expliquei no princípio da nossa relação, uma primeira-dama tem de ter pose de Estado. Dei exemplos, fui pedagogo, era o tempo do amor e da paciência. Ela aceitou, abandonou hábitos e falas que aprendeu na casa da parentela. E cumpriu todos os rituais do Estado. Até na minha morte. Triste, preocupada, a fazer contas de como vai ser o futuro, nada nunca está realmente assegurado, nem para ela nem para os filhos nem para a enorme estirpe, gulosa de poder e consequentes regalias, mas as preocupações, os medos, as raivas, tudo deve ficar dentro de nós, nem um músculo fora do lugar, nem um esgar, nem um olhar furtivo, marcas de fraqueza. Quando

morre o leão, a leoa e as crias continuam a rugir, desafiando o futuro. Só assim serão respeitadas, porque temidas.

A lei da selva? Isso mesmo lhe ensinei.

Ela aprendeu em que matos se meteu e eu antes dela. Tive de afiar garras, ela também. Mas devo confessar, saiu uma discípula superando o professor, daria um ótimo substituto, caso tivesse vontade. Nunca quis se envolver demasiado nos jogos de poder, pelo menos de forma visível. Não cavou o seu pedaço de chão para lançar os caboucos de uma carreira, não cortejou outros dirigentes ou se dignou sequer lhes pedir qualquer coisa. Oferecia, apenas. Não a eles. Escolheu a parentela e amigos, alguns, para suas prebendas. O povo, que a adora e me teme (ou antes, temia), não vota para escolher os responsáveis, os promotores de candidatos às ascensões. Só um punhado de dirigentes decide, gente peneirada por mim no fio dos anos, negociando algum nome ou cargo com outras forças a apresentarem por vezes cara mais fechada, a deixarem transparecer ameaças ténues de vingança futura. E esses promotores nunca ouviram uma palavra dela a dizer, eu também poderia aparecer nesta ou naquela lista, se me escolhessem era capaz de aceitar, pensem no assunto. Nunca se dobrou perante os outros, suplicando favores. Daí a minha morte ter acontecido demasiado cedo para ela pôr com firmeza os pés na escada do poder, ficou apenas pelo primeiro degrau, onde aliás sempre disse se sentir verdadeiramente confortável. Degrau que entretanto arrisca perder. Mas alguém neste momento pode afirmar, está fora da escada e se percebe nela o medo provocado por essa débil posição? Dizer pode, mas

será uma profecia aventureira, pois ela não mostra medo de nada. Mesmo a mim, que a conheço tão bem, que a moldei e desvendei. Sem adivinhar a minha capacidade de sentir, consegue esconder de mim os seus temores.

A minha primeira-dama é mesmo uma bela e nobre palanca. Agora que já nada me podem fazer senão atirarem por maldade o corpo para campo raso em contraponto a um imperial mausoléu, posso reconhecer um segredo sempre sabido mas resguardado: ela merecia mais de mim.

De um lado e do outro dela se postam os nossos filhos. Os oficiais. Os maiores denotam nervosismo e tremeliques de órfãos, enquanto os kandengues, fartos de permanecerem de pé à minha frente, desocultam a vontade de correrem para as cadeiras que lhes estão destinadas. O protocolo de Estado colocou uma fila de cadeiras ao longo das paredes de um e outro lado, para os parentes e mais próximos amigos se sentarem e receberem os pêsames dos milhares (espero) que virão prostrar-se ou apenas olhar de frente o meu caixão. Poderiam ser dezenas ou centenas de milhares, milhões mesmo. Não me cansaria. Ninguém nota o cochilo de um morto, se a multidão o sonolenta. Além disso, faz bem à alma a visão de rostos tristes porque um tipo vai embora.

O calendário é rigoroso, marcando todos os passos e o horário inclemente de um funeral de Estado. O pessoal do protocolo já está muito treinado nestas coisas, nada vai falhar, tenho confiança.

Só é pena os dignitários estrangeiros, salvo uma ou duas exceções, se fazerem representar nas cerimónias apenas por embaixadores ou meros cônsules. Os sacanas eram

amigalhaços quando o país estava forte e esbanjava compras e presentes. Vinham, diziam eles, colher de mim a sabedoria de uma longa gestão, descobrir o segredo que gostariam de copiar. À saída estendiam a mão, não para o habitual cumprimento. De palma para cima, por vezes uns desavergonhados estendiam mesmo as duas palmas. Lá recebiam uns ouros ou diamantes para a viagem. Depois da crise financeira mundial, as visitas começaram a se reduzir, a diminuir de número e de qualidade, para agora as representações se limitarem a embaixadores. No funeral de um amigo e protetor dedicado! Vinham antes protestar amizades, colher ensinamentos com uma numerosa comitiva de ajudantes e pretensos empresários e lá levavam um contrato para uma empresa falida, deles ou do sobrinho, ou uma parte do nosso exército para combater uma rebelião que eram incapazes de controlar, ou um voto para assento numa organização internacional, inútil mas oferecendo medalhas. O país era por todos respeitado e eu acarinhado, lisonjeado, distribuindo benesses como um imperador dos tempos antigos.

Benesses que nem eram minhas, reconheço.

Houve entretanto uns fracassos em investimentos esplendorosos, talvez evitáveis, umas mexidas imprevistas nos mercados, sobretudo matérias-primas a serem substituídas por outras mais baratas ou mais rentáveis, as exportações a caírem, por consequência menos dinheiro no tesouro nacional, mais dívidas não solvidas, mujimbos de rebeliões e de prisões em massa (falsos mujimbos), aldrabices sobre membros corruptos da minha família, por vezes até a ousadia de deixarem os jornais deles publicarem notícias imaginosas sobre

o dinheiro que tenho, eu e familiares, em paraísos fiscais, muita coisa falsa, mas quem não acredita numa boa mentira que destrua reputações?

Até o papa, que devia ser mais lúcido e previdente, chegou a enviar um emissário camuflado para investigar se era verdade o mujimbo de eu ter uma dúzia de bastardos, como um pasquim divulgou. Quando ainda no ano anterior paguei a construção de um dos maiores templos do continente, comparado apenas à catedral de Yamussukro, na Costa do Marfim! Os não católicos até me caíram em cima, pois beneficiava só uma seita, enquanto as deles vegetavam nas necessidades mais clamorosas por não possuírem o ouro enterrado nas caves do Vaticano, como afirmavam. Tive de distribuir também alguma coisa por todos, maldizendo a falta de respeito do papa por mim. Ainda por cima enviou um incompetente que logo se desmascarou.

Bastardos? Filhos. Sim, muitos filhos dispersos por várias mães. Não se deve deixar tudo para uma. É como o dinheiro no banco, não se põe inteiro numa conta única. Filhos, FILHOS, isso sim. Legalizados com o meu nome, batizados na capela do palácio com a família e a corte completa a testemunhar. Nunca tive vergonha de reivindicar honrosos feitos bélicos.

A minha palanca talvez não gostasse, mas engoliu sempre em seco ou mesmo aceitou, pelo menos reclamações não fez. Estou inseguro neste mambo, o irmão dela mais velho gosta de envenenar as coisas, andava a lhe contar cenas, algumas verdadeiras, outras inventadas. Chegou a fazer recriminações, raras porém. Até o meu inestimável

espião-de-um-olho-só descobrir as conversas secretas dele com a irmã e espetar um microfone minúsculo no forro de todas as gravatas. Como o querido cunhado Inácio só tira a gravata no momento de tomar banho, eu mesmo, se quisesse perder tempo, tinha acesso a todas as suas falas, arrotos, gemidos e o resto que se adivinhe. O espião escutava tudo, por isso eu não precisava de perder tempo. De maneira que, quando ela me apresentava um candidato «maravilhoso» para preencher um cargo acabado de ficar vacante, eu já sabia de onde lhe tinha vindo a inspiração. Aliás, mesmo sem as informações do meu bófia adivinharia logo, os nomes eram sempre da mesma família, nos seus diferentes ramos, diretos ou colaterais. Curioso, de entre todos os seus parentes, eu só confiava nela e no seu pai, o resto não vale mesmo nada, a indicar talvez muitas infidelidades genéticas.

Ela não se vai sentar? Está há horas na mesma posição. Já os filhos todos se esparramaram pelas cadeiras, até ao lado da palanca negra apareceu o Nhonho, meu filho mais velho e de outra mulher, também se plantou a mãe de dois outros rebentos meus, reconhecidos e ali presentes, foi anunciada a presença de uma outra dama com uma filha que tem o meu sorriso, sempre considerado dúbio, e até chegou uma mboa que não me deu prole mas era uma fúria portentosa na cama, cuja presença provocou alguma surpresa, de onde saiu mais esta?, logo desatendida porque se encostou lá para trás, sozinha na dor escondida mas evidente. Continuei a galar aquela cara inesquecível e a relembrar o fulgor e quentura do seu amor.

Hermengarda.

Curiosamente, a viúva oficial não deu por ela ou lhe desconhecia mesmo o rasto, pois nem mirou nem estremeceu. Eu estava bem atento às suas reações naquele momento, pois as que me deram descendentes, com a exceção da mãe do Nhonho, acabavam sempre por se tornar conhecidas, quanto mais não fosse pelo facto de eu os perfilhar e fazer questão em autorizar os batismos na capela do palácio, porquê esconder se não era vergonha nenhuma, antes prova de competência? Bem podia ter mantido mais tempo a relação, pelo menos até confirmar a infertilidade de Hermengarda. Não deu tempo, o marido foi transferido por um diretor seu chefe para um canto longínquo do país, não quis me meter no assunto e anular a transferência, despertando suspeitas de alguma deriva financeira, deixei por fraqueza partir Hermengarda, só a recuperando em raras ocasiões de suas visitas à capital quando me informavam da chegada. Para justificar a fraqueza, hesitação, é bom dizer que era novo no cargo, ainda não me movia nas sombras do poder como mais tarde fiz. No último encontro, tantos anos depois, lhe perguntei se concebera e ela disse não, sem mais explicações, e daí ter ficado desconhecedor se era impossibilidade física dela ou uso de comprimidos preventivos, pergunta não feita por dever ser mantida a aparência de eu saber tudo sobre sua vida íntima e família e mesmo mais íntimos desejos.

No princípio do nosso relacionamento clandestino, Hermengarda confessou a atração pelo poder do conhecimento tido por mim sobre todos os meus sujeitos, o que não era verdade, deixava alguns por controlar, mas ela supunha

ser uma rede fabulosa de informadores comichando no meu ouvido a todo o instante. Ficava húmida só de pensar nisso, confessou com aquele sorriso tímido de freira fracassada. Tudo bem, cada um se excita com o ar ou uma parte de corpo entrevista ou a lembrança de uma libélula. Ela usava o meu poder de informação para se excitar.

Há coisas mais estranhas no mundo.

A palanca está agora ladeada por dois primos, ocupando cargos ministeriais. Um, o Estêvão, dos mais velhos, se revelou logo totalmente incapaz, não só nos negócios do governo, como nos seus próprios, tendo sempre tendência a ir ao cofre do ministério para arredondar os salários e custear as pequenas despesas, enquanto se socorria da posição no aparelho de Estado para intimidar algum gerente de banco e lhe extorquir um empréstimo que nunca haveria de pagar. Para ele o kilapi é eterno, grande sacana. Tentei abordar o assunto várias vezes com a minha mulher, não chegando a ameaçar o primo de demissão, mas simplesmente para ela usar da sua influência, convencendo-o a ser mais discreto nos movimentos financeiros e nas festas douradas tão frequentes como mal-afamadas. Ela nem deu tempo para eu colocar o mambo nos carris certos, cortou rápido a conversa, não me venhas com insinuações sobre os meus pobres parentes, procura só pretexto para pô-lo na miséria e depois temos de lhe sustentar a família, como tu amparas as mães dos teus filhos, cada vez mais numerosas e a aparecerem de repente a reclamar reconhecimento e pensão. Nunca é nunca!

Afinal a leoa estava atenta e rugia mesmo.

Lá fui aguentando o Estêvão, de sorriso servil mas bolsos bem fundos, sem dar oportunidade ao chefe da segurança presidencial para me aparecer com conselhos e chamar a minha atenção para o perigo de a reputação do Estado sair suja com as atuações cada vez mais frequentes e descaradas do meu vergonhoso primo. O tipo nem agradecido ficava, muito menos o dizia, apesar do sorriso servil. Usava o sorriso para todos, até para os auxiliares. Será mesmo um sorriso ou apenas um esgar? O espião-de-um-olho-só achava, não é sorriso, chefe, ele até quando caga na latrina do conselho de ministros faz aquele sorriso que não é sorriso, temos filmes gravados. O espião não sabia a palavra esgar ou então nunca a utilizava por uma questão de princípio. Talvez soubesse ser a careta que fazia quando queria sorrir, embora as razões fossem diferentes, deformações provocadas na cara por uma explosão. Dava porém para entender, o primo da palanca era um hipócrita, além de ladrão. No entanto, entre os presentes, quem não mete bens do Estado no bolso? Só as crianças, inocentes. Por enquanto. Basta crescerem um pouco... O que é de todos (o Estado) não tem dono, pode ser cassumbulado, ideia persistente e que ultrapassa este país, atingindo o continente, e outros. Os críticos do meu regime nos chamam a todos de corruptos oportunistas, aproveitadores. Gostaria de os ver embriagados pelo poder que de facto possuímos. Ainda roubavam mais, ao pé deles seríamos considerados arcanjos. Só criticam porque estão longe do favo de mel. Portanto, não me chateia o hábito do Estêvão encher os bolsos. O problema é dar nas vistas, nem saber ocultar a

mão entrando no cofre do ministério. Noutros cofres também, mas não tão literalmente.

A palanca negra só uma vez me olhou de baixo, envergonhada com o primo e ao mesmo tempo me agradecendo condescendência. Quando o financeiro do ministério flagrou o Estêvão com a mão na massa e denunciou o crime à estrutura do partido. Grande maka. Todos com medo de tomar uma posição. Veio o coordenador do partido no ministério, tremeluzente de suor, contar o problema e afirmando a necessidade de se tomar uma posição urgente. E eu tomei, claro. À minha maneira, que toda a gente tem a sua. Promovi o financeiro para governador de uma província longínqua, e ficasse de bico calado, assim se sobe na vida. Estêvão recebeu uma repreensão por escrito e secreta, só divulgável por iniciativa superior. O caso ficou resolvido, com conhecimento apenas a nível daquela estrutura. A palanca foi carinhosa nessa noite. Já não o era desde o nascimento do último rebento que tive de uma canadiana vinda fiscalizar as nossas eleições, numa comitiva das Nações Unidas.

Recordo bem esse dia das eleições. Votei muito cedo no posto perto da catedral, com a primeira-dama e os filhos mais velhos. Todos os homens de fato e gravata, as mulheres de trajes africanos compridos. Como se fôssemos para um banquete. E não o era? No entanto estávamos muito preocupados também porque, apesar de todas as calúnias lançadas pela oposição e reproduzidas por alguns jornalistas nacionais e estrangeiros, não se sabia sequer fazer uma séria manipulação de dados. Havia uma batotita aqui ou ali,

que um qualquer responsável local improvisava com pouca habilidade, logo denunciada pelos mesmos de sempre, um caso de trezentos votos a merecer destaque de milhões nalguns jornais ou rádios. Desta vez havia indícios de que a coisa estava mais apertada, podia mesmo acontecer o impensável, e ficámos de mãos amarradas para batotar.

Depois do voto, fui descansar sozinho para a quinta Ferro Preto, perto da capital, com o fito de controlar o stresse. A canadiana já lá estava a fiscalizar o ato eleitoral. Na minha cama, televisão ligada. Foi esse o dia da conceção, tenho a certeza porque foi o único em que estivemos juntos, sozinhos. Ela disse levar para a sua terra recordações maravilhosas das eleições, tão justas e livres foram. Claro, carregou no ventre uma semente de luxo, sei o que valho, não me estou a gabar. A palanca acabou por saber do nascimento, mais tarde mãe e filho vieram para o batizado. A primeira-dama não compareceu na cerimónia, emburrou. Só porque a canadiana era branca? Com outras ela não fez grandes cenas, com esta sim. Nunca lhe tinha notado penhores racistas, até disse ao meu ouvido um dia que Bill Clinton nos seus bons tempos era um borrachinho... Por causa da canadiana, ficou fria durante uma estação. Até acontecer o mambo do primo a ser apanhado com a sapuda mão no cofre ministerial e se tornar grata, de olhos aquosos, abrindo as pernas sem eu ter mostrado intenção.

Muito reconhecida, a minha bela palanca negra.

Algo diferente aconteceu entretanto na sala. Parece, só eu notei, pois ninguém se mexeu demasiado. Apareceu o meu médico, acompanhado da enfermeira, o que não seria

surpresa, no entanto. Disse duas palavras ao ouvido da viúva e se aproximou do esquife. Não senti emoção nenhuma, apenas uma ideia, descobriu que não estou morto? Estou e sei, estou mesmo. Tudo pensamentos frios, sem suores nem dores de barriga. Não sentia nada de facto. Ele aproximou a cara da minha, olhando muito fixamente. Depois fez um gesto à enfermeira e ela ficou ao lado, os olhos húmidos e tristonhos. Mandeí-a estudar na China massagens especiais para corpos velhos, andou por lá dois anos, voltou habilitada a tratar do meu esqueleto e dos músculos e dos nervos e demais tendões. Saltava para cima de mim, deitado num colchão suficientemente resistente e começava por uma massagem com os pés, de alto a baixo, de baixo para cima, diziam ser técnica filipina, então as mãos entravam em ação e furavam, escarafunchavam, depois estiravam os músculos, apertando e soltando. Entrávamos nesse momento na parte melhor que era a dos finais, com as mãos dela e depois os lábios a acariciarem as pernas, o tronco, os braços, distendendo-os, enquanto se ia despindo até se deitar sobre mim para completar o tratamento com terapia de choque. Supercompetente, muito mais que uma enfermeira, muito mais que uma massagista, fisioterapeuta, osteopata ou outros nomes que se pudessem inventar.

No fundo, aquela célebre e tão invejada sapiência oriental.

Ela agora também olhava para mim e concordou com o doutor, de facto a cor está a mudar. Eu a pensar, estão a suspeitar que vivo, e afinal se preocupam com as minhas manchas de pele, que os preparadores devem ter tentado

disfarçar mas voltavam a ser notadas com o tempo. Não fiquei desiludido, como disse, não tinha emoções. Estava mesmo morto. Se não estivesse morto, sentiria o membro viril a se posicionar quando ela deitou o bafô suave no meu nariz, ao me observar de tão perto. Se não estivesse morto, já me teria deitado de lado, pois nunca consegui ficar mais de dez minutos sobre as costas sem ter formigueiros nas pernas, diziam era do sangue, coisa em que nunca acreditei. Desde miúdo que acontecia, sempre adormeci deitado sobre o lado direito. O médico disse à enfermeira, o melhor é lhe dar mais uma pintura às três ou quatro da manhã, a essa hora só está cá a família chegada e mesmo essa a dormir. Agora não é o momento.

Assim fiquei a saber que estávamos em qualquer hora mais cedo do que isso, pois a sala ia enchendo em vez do contrário e já a primeira-dama começava a mudar de perna sobre a qual se apoiar, quando o médico se dirigiu a ela, certamente lhe repetindo a receita. A enfermeira foi para trás dos basbaques que tentavam ver alguma coisa da minha figura e pensei, como desconfiaram de alguma mudança na minha cara? Foi a minha palanca negra, a pessoa mais perto, que notou e mandou chamar o médico? Não reparei nessa cena mas é verdade, de vez em quando também me aborreço com o espetáculo monótono de ver os altos dignitários do regime se perfilarem ao lado dela e depois virem outros, desde os ministros aos deputados e embaixadores, chefes de repartição e chefes tradicionais, sem fim, como se os dias tivessem mil horas e os rios não parassem até atingir o mar distante. Tirava uns cochilos breves, pelo menos a mim

pareciam breves, sendo o meu tempo medido unicamente pela postura da palanca, cada vez menos majestosa, cumprimentando de forma mais breve os recém-chegados ao seu lado, ansiosa por que a noite terminasse...

E quem disse era noite?

Tentei umas contas. A última imagem retida na memória antes deste salão foi a de umas pessoas de branco à minha volta, com máscaras de cirurgia, cheiro a medicamentos, uma preocupada voz feminina, estamos a perdê-lo, estamos a perdê-lo... Quando poderá ter sido isso? Dias, meses, anos? Podem ser dias ou meses, não se notam modificações nas faces conhecidas, todas elas. Ainda não sofreram as marcas de anos. No entanto, podem ter-me metido num congelador para manter o corpo durante meses. Ou até embalsamarem, já se fez na antiguidade e na modernidade. Estas hipóteses não são disparatadas, pois podia ser necessário atrasar a notícia da minha morte para preparar com calma a transição. Não se muda de chefe de um dia para o outro, ou há risco de convulsão política, mesmo guerra civil, não brinquemos com coisas sérias.

Nós não costumamos brincar.

Também não vejo grande coisa, deitado, cabeça na horizontal do corpo, melhor visão do teto que das pessoas à minha frente. Consigo lobrigar parte do casaco e a ponta dos sapatos. Mas até admito a possibilidade de não ter pernas e os sapatos estarem colados ao fundo do caixão, ligados a uns cabos de vassoura dentro das calças. Quem pode notar? Não eu, em todo o caso. É-me indiferente. O mais curioso é o facto de não me interessar por nada, nem pelo

facto de estar morto. Sempre achei ser um assunto importante, talvez mesmo o mais importante, pelo menos deu origem a todas as religiões. Neste momento não é relevante. Nem o que realmente se passa no salão. Vejo, constato, recordo cenas, mas para usar uma palavra mais forte, estou-me cagando. Os vivos que se chateiem e até considerem má educação. Já não me podem mandar castigar, apenas julgar moralmente.

Os crentes acham, deus fará o julgamento final. Pois ele ainda não me mandou chamar à sua presença ou veio ter comigo, o que seria uma deferência notável. Apreciaria. Sempre acreditei na sua existência, embora de forma difusa, e esperava ver a sua cara no momento da minha morte. Afinal, não compareceu. Nem ele, nem os outros, os da terra, em que o povo também acredita e venera. Deveria irritar-me por tal falta de comparência, uma descortesia, mas me estou mesmo borrando. Viro ateu depois de morto. E ainda há pessoas a suporem que não sou rancoroso! Deus que o diga! Atirado do pedestal da minha admiração. Bem gostaria de soltar uma boa gargalhada e pôr esta malta toda a fugir daqui, o chefe morto riu, o chefe morto riu, um mujimbo que percorreria as vertentes desta colina onde suponho devemos estar, mujimbo se distribuindo e multiplicando pelas ruas da cidade, atemorizando todos, é chegado o tempo dos cazumbi, melhor tapar as cabeças com cobertores, não olhar para não cegar, os videntes sempre prometeram durante todas as gerações conhecidas, vem aí a estação das trevas e do mal. As pessoas iam mesmo acreditar nisso tudo, como acreditaram na existência de todos

os deuses que lhes venderam (isto já sou eu, novo ateu, a pensar).

Volto aos dois primos ladeando a minha palanca. O irmão mais novo do Estêvão sempre foi conhecido por Boneco. Tem outro nome, claro, e por esse é referido oficialmente. Mas ninguém fala dele sem usar o nome de casa. Sei, com malícia, porque ele é grande, se destacando dos irmãos e dos primos, é o maior da família. Boneco, quando jovem, foi incentivado a jogar basquetebol, pois não há tanta gente com mais de dois metros de altura. Era avesso a qualquer desporto, melhor, a qualquer esforço físico, razão pela qual aos trinta anos começou a engordar e hoje, na idade dos quarenta, pesa mais de cento e sessenta quilos, sendo de facto um homem imenso.

No princípio do nosso casamento, insisti com o primo adolescente, voleibol também é bom, um desporto que exige tipo alto, olha, porque não o salto em altura? Lembro me ter arrependido imediatamente dessa sugestão, era claro ter tendência para o cheio e impossível se elevar muito. Ele tinha medo de mim, desconseguia de o esconder, baixou só os olhos, não tenho jeito, me desculpe. Quiseram logo mobilizá-lo para as forças armadas, estava na idade e uma ameaça de guerra punha o país em perigo de existência. Acedi ao pedido da minha mulher, sempre tão devotada a proteger a família, mandei-o com bolsa de estudos para os Estados Unidos aprender economia, eles lá é que ensinam melhor a malta a aldrabar nas contas e usar paraísos fiscais. A guerra, se rebentasse, tinha de ser ganha, como é evidente, mas menos um não alterava nada, ainda por cima

alguém tão grande que seria difícil de se esconder dos olhos inimigos. Não tive problemas de consciência quanto a esse aspeto, nenhum familiar, meu ou das minhas mulheres e namoradas, devia arriscar a vida pela pátria. Existiam demasiados jovens sem trabalho nem preparação para um futuro promissor. O sacrifício da guerra não lhes custava nada, se tornavam ao menos úteis. Assim, arriscando um ferimento, ou mesmo a morte, poupavam os verdadeiramente dotados para dirigir o país, contribuindo para um bem maior. Toda a elite pensava desta forma e deixei-os pensar.

Um vez aconteceu um facto insólito. O filho mais velho de um dirigente, obedecendo aos desejos do pai e próprios, teimou, teimou até conseguir ingressar nas forças armadas e se fez matar numa guerra que de repente apareceu. Fui ao funeral de cara tristonha, acarinhei o infeliz mas orgulhoso pai, disse palavras públicas a enaltecer o patriotismo daquela família exemplar, mas comentei com a palanca à noite, merda de radicais puristas, só atrapalham, perdi uma manhã com aquele enterro.

Nada disso aconteceria com o Boneco. Estudou e, no tempo devido, nomeei-o, obviamente por sugestão da prima, ministro de qualquer coisa, nem interessa o nome, todos fazem o mesmo, o que lhes mando fazer.

O Boneco não parece ser tão ávido quanto o irmão mais velho. Ou foi bem formado e sabe esconder os feitos. Não tem dado muito nas vistas e, quando perguntei pela última vez ao meu espião-de-um-olho-só, ele respondeu nunca ter observado nada fora do normal. A menos que tenha sido pelo meu lado esquerdo, não vejo bem desse lado, acrescen-

tou. Pensei, nem olho tens do lado esquerdo, como ias ver? Percebi então a esperteza daquele homem muito grande, difícil de camuflar, andando sempre à esquerda dos bófiás, todos clones do meu espião. O primo aprendeu umas coisas na terra dos camones, a bolsa foi bem aproveitada, outros fizessem o mesmo e o país estaria mais avançado. Pelo menos com melhor reputação. Pensamento triste para quem deixa a vida tão cedo. Maneira de falar, pois para mim nada é triste ou alegre, apenas acontece. Nem foi assim tão cedo, pois o comprimento da vida se mede pelo número de feitos e para mim o feito maior que conta é o número de filhos, e esses estão aí mostrando o meu poder e a minha pujança, nunca deixando mulher mal montada. Ou pensam ser fácil montar tanta égua, palanca ou seixa, sem ter um esgotamento fatal?

Nem o poder de Estado o garante.